



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

11 de Setembro de 2010 • Ano LXVII • N.º 1735
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

ANO EUROPEU DAS ACTIVIDADES DE VOLUNTARIADO

Padre João

Verão estás prestes a chegar ao fim. Com ele e para além dele vão continuar muitos projectos de voluntariado. Outros terão chegado ao seu termo, que não a sua necessidade. Muitos outros ainda adiados para o futuro. O que importa, porém, é a consciência que cada vez vai conquistando mais vontades para agir em prol dos outros. O voluntariado é uma realidade que marca decisivamente o nosso tempo. A realidade é, de tal ordem, que acaba de ser instituído para 2011, o Ano Europeu das Actividades de Voluntariado. A Igreja Católica, obviamente, vai marcar presença nomeadamente através das Misericórdias e da Caritas. A sua participação não pode deixar de ser bem acolhida, numa parceria inspiradora, com toda a propriedade e legitimidade. É prática plurissecular da acção da Igreja ir ao encontro de todos os povos, socorrendo, consolando e ensinando, no espírito das Obras de Misericórdia. Podemos afirmar que o voluntariado é constitutivo do próprio ser e origem da Igreja, da Sua missão no mundo. Não será excessivo se considerarmos que o Sim de Maria se tornou fonte de toda a generosidade e gratuidade (Lc.1,38). Mas é em Cristo – Servidor do Pai – que todo acto generoso encontra plenitude e consumação (Heb.10,10). Aqui radica o voluntariado cristão, católico: é na vontade de Cristo que as nossas vontades se consomem.

Uma tal ideia de voluntariado, assim, não assenta em bases meramente filantrópicas ou tecnicistas. Pressupondo-as, logo as ultrapassa, na visão do Mistério de Cristo. De facto, é em Cristo que todo o gesto solidário encontra sentido e plenitude: «um copo de água dado em Meu nome não ficará sem recompensa (Mt.10,42). Compete ao voluntariado cristão iluminar e valorizar tudo o que de bom e belo vai acontecendo, através de outras iniciativas que surgem na sociedade desde que visem o bem comum e promovam a dignidade da pessoa humana. Dar as mãos num esforço comum; reconhecer a verdade do "outro", sem prejuízo do próprio ideário, no respeito pela diferença, é um caminho de voluntariado são e construtivo.

Continua na página 3

SINAIS

Padre Telmo

DEPOIS de uma vida totalmente doada à Obra da Rua, o Fernando partiu para o Pai. Suas filhas e esposa deram-lhe todo o carinho, sobretudo, na sua doença e sofrimento.

Foi o obreiro número um na fundação da nossa Casa de Malanje – Angola – juntamente com sua esposa Emília.

Pouco depois do seu casamento partimos no barco «Rita Maria» – eles, eu e dez rapazes. Já em Malanje, numa fazenda abandonada que era um matagal, começámos a construção da Aldeia. Fernando tomou conta da economia e Emília da área doméstica.

Dificuldades? Muitas no início. Recordo o arroz com carne a fugir – nosso fiel amigo. Nas sextas (fazíamos o pagamento aos operários nos sábados) vinha o Fernando: «Olhe que não temos dinheiro que chegue».

Organizámos sessões de teatro no norte de Angola e peditórios nas Igrejas para conseguirmos vencer. Conseguimos.

Quando terminámos a escola, o Fernando tomou conta do ensino para os nossos e crianças das sanzalas que nos circundavam. Ainda hoje os mais velhos me perguntam: «Quando vem o senhor Fernando?» Sei que alguns, quando lhes disser que o Fernando não voltará, vão chorar.

É urgente o regresso às nascentes (água pura e límpida a brotar do chão) – os obreiros da Obra. Claro que este regresso requer o amor e total doação à Obra por parte dos rapazes.

Queridos rapazes, que exemplo grande e maravilhoso de amor e entrega à Obra nos deixou o Fernando. Ele teve um ideal e sentido de vida e foi-lhe fiel! Vale mais que ouro e prata a herança que ele nos deixou... Verdadeiro «sinal +». □

CALVÁRIO

Padre Baptista

Visitantes

ESTEVE entre nós um grupo de universitários da área da saúde. Vinham acompanhados por dois sacerdotes, capelães hospitalares, e por uma médica. Traziam os conhecimentos adquiridos para com eles poderem ajudar os doentes que aqui temos. Vinham para dar a quem precisa. Mas, confusos,



com o que se lhes apresentava, em pouco tempo meteram os conhecimentos no bolso e começaram a espreitar o andamento deste viver. Aqui, embora se trate de doentes, cultiva-se sobretudo a saúde. Trata-se de uma verdadeira família em que todos se sentem como irmãos; na qual todos prestam cuidados uns aos outros – em que a colaboração é a palavra de ordem. Cada qual tem uma tarefa bem determinada, ou porque lhe foi sugerida ou porque a escolheu e a ela se dedica gostosamente. Na copa, nos quartos dos mais limitados há sempre o doente a deitar a mão.

Também repararam no cuidado com que se respeita o ambiente envolvente. Varrem-se as avenidas e regam-se os canteiros a todo o momento. E, para espanto destes jovens, a vida é calma. Não há ansiedade nem preocupação com o dia de amanhã. O presente basta-lhes. E desfrutam-no alegremente. Gostam de viver. Nem mesmo as limitações físicas ou intelectuais lhes tiram a paz.

A pequena Maria, de Pedras Salgadas, vai já na casa dos sessenta, mas ainda não chega ao metro de altura. É mesmo pequenina. Não fala, mas atenta a tudo com todo se ri. Nunca a vi triste. Gosta de ser como é. Dêem-lhe uma guloseima e vejam a alegria dela.

A Fernanda, quase imobilizada, parecendo distante, só pede uma cantiga e esta lhe basta para ficar serena.

Curam-se uns aos outros e curam também quem chega, porque conseguem transmitir essa paz e serenidade a quem vem com problemas, com incertezas, com medo do futuro.

Este grupo deu-se conta de que tudo aqui é às avessas do que esperavam. Chamei-lhes a atenção para o vitral da capela, em que Cristo, crucificado, é representado de costas. É um sinal de que tudo aqui é ao contrário do comum. Cristo ali esconde a face para que descubramos o Seu rosto naqueles que aqui se encontram e o continuem a descobrir nos consultórios, nos hospitais e nas ruas do nosso mundo. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Sinais de esperança

RECEBI, há dias, uma carta muito linda. Era portadora da maior riqueza humana guardada no coração: o dom da vida por amor. A Mariana de Aguiar, sobrinha bisneta de Pai Américo, agora com 28 anos, sentiu, desde sempre, o chamamento para ajudar o próximo. Está muito inquieta com esta grande vontade de vir conhecer e ajudar a Casa do Gaiato em África. Encheu-nos de alegria. É um propósito maravilhoso a revelar a busca do mais importante para a vida dela: a partilha do que é e tem ao serviço da causa mais nobre que existe. Quer dar o seu coração para ajudar os que mais necessitam.

Já lhe respondi, em primeira mão. A Casa do Gaiato de Benguela tem a sua Porta Aberta

para a acolher. Vamos acertar, em seguida, alguns pormenores que têm importância. Há, sem dúvida, uma grande necessidade de corações com esta marca. Os pedidos de filhos abandonados, ainda pequeninos, continuam e vão continuar. Necessitam de muito amor para curar as feridas provocadas pela ausência do afecto familiar. Vejo-os, todos os dias, à volta da Teresa, como verdadeira mãe de família. O mais novo fez, há dias, 4 anos de idade.

As vocações masculinas e femininas são a garantia da perenidade da Obra da Rua, com todos os seus ramos. O sacerdote que nos acompanhou, ao longo deste ano, foi colocado pelos seus superiores, noutra lugar. Continuamos à espera doutro coração disponível

para nos ajudar nesta missão. O Pai do Céu sabe onde está. Pai Américo respondia àqueles que vaticinavam o fim da Obra com a sua morte, dizendo que a Obra da Rua não era dele mas de Deus. Assim foi. Deus providenciou e a Obra continuou.

Os Pobres sentem-se felizes, quando nos vêem no meio deles. Mais uma vez subi ao morro, levado pelo pai de família, para ver a casa que levantou com a nossa ajuda e saber quantas chapas eram necessárias para a cobertura. Não irá para a rua com sua mulher e filhos. Vão continuar a viver muito limitados, embora. É, contudo, a situação normal da maioria das famílias. Até quando? Significa que não podemos descansar por causa deste aguilhão que atinge toda a indiferença e o egoísmo que tentam aninhar-se

Continua na página 4

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

ALCOOLISMO — O caso mais difícil que actualmente temos ao nosso cuidado é o de um senhor de 39 anos que sofre de epilepsia. Já aqui falámos dele há uns tempos atrás. Hoje voltamos ao assunto para vos darmos conta dos desenvolvimentos em curso neste caso. A doença que tem, ou outras razões, mas isso agora pouco importa, contribuíram para que a sua situação familiar acabasse em divórcio, com afastamento praticamente completo relativamente à sua mulher e filhas. Da venda de algum, pouco, património que tinha (um tractor agrícola) arranjou dinheiro para ir gastando em vinho e tabaco. Quando o caso nos veio parar às mãos a dependência do álcool já era muito grande, situação que infelizmente se mantém. Começamos por o retirar da habitação onde estava e onde não podia continuar por muito mais tempo. Como havia uma casa do Património dos Pobres que tinha ficado vaga pouco tempo antes, providenciámos as reparações que eram necessárias e mudamo-lo para lá. Tínhamos esperança que esta melhoria na qualidade da sua habitação fosse um estímulo para mudar de vida, ou, pelo menos, para ter mais cuidado com a sua higiene e com o cuidado da casa, mas não resultou. Ou porque já era assim, ou porque a dependência do álcool a isso o leva, ou pelas duas coisas em conjunto, o que é certo é que rapidamente a casa para onde o mudamos ficou no mesmo estado de imundice onde estava aquela donde veio. Cozinhar para si próprio é coisa que não faz e fora agora só sabe comprar tabaco e bebidas alcoólicas. Falamos com o dono do sítio onde ele costumava alimentar tais vícios, mas não deu muito resultado. Providenciámos-lhe uma refeição por dia, mas dessa pouco come e o resto deixa a apodrecer ao calhas em casa. O seu estado de descontrolo mental é de tal ordem que já não está em condições de nos ouvir para seguir quaisquer bons conselhos que lhe queiramos dar. Começamos a tratar do seu encaminhamento para os cuidados médicos adequados a estes casos. Do que sabemos da sua história pessoal, temos que esta vá ser uma jornada muito difícil de fazer com ele. Do que for acontecendo, vos daremos conta quando for oportuno.

O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.* □

DOCTRINA

Pai Américo

*Nós temos em Casa
e vamos buscar fora
o que não presta, dá pena!*



AQUI há um ano, fui a uma casa pobre destas redondezas, aonde acabara de falecer a mãe, deixando nove órfãos que já o eram de pai; e, a título de emergência, trouxe um dos mais pequenos e o mais doente. Digo emergência, porquanto a Obra é para os vadios. Andou o tempo. A criança está hoje um amor perfeito. Quisera que todos quantos lá ficaram tivessem a mesma sorte; mas não.

AQUI há um mês, vi subir avenida acima uma rapariga nova, de luto, com algumas crianças pela mão. A cara delas era espelho. Via-se tudo. Nada mais triste no mundo do que uma criança triste! A moça, 21 anos feitos, desfia: Além do mais, tem à sua conta uma irmã de dezanove, anormal. «Eu tenho de lhe fazer tudo.» Ela queria que eu ficasse com mais alguns irmãos. Trazia por onde escolher. «O menos estes dois pra me aliviar.» Eu disse que não! Disse que não, mas não fiquei quieto. Comuniquei imediatamente com a Comissão de Assistência do Concelho, que me respondeu na volta, dizendo ter enviado o caso para Lisboa, visto não haver nada no cofre. Dias depois, novo ofício. O caso está agora na Defesa da Família. Primeiramente troca de ofícios. A seguir, troca de inquéritos. Depois, o subsídio. Trâmites dolorosos, para quem tem de curtir a fome. Até aqui o facto e a Assistência Oficial. As coisas são assim mesmo. Ninguém pode tomar a mal, tão-pouco esperar outras normas. Os Sacramentos são canais por onde corre o sangue de Jesus, sim. Pelos canais da Assistência, tinta!

ORA vamos que naquela freguesia houvesse instalada uma Conferência de S. Vicente de Paulo; ou que as Confrarias, ali erectas, emergissem da poeira e tomassem o seu lugar: Confrades. Irmãos com irmãos para o bem dos irmãos. Que beleza! Que riqueza! Estava tudo remediado, se assim fosse. Dentro dos confins daquela aldeia e pela acção cristã dos confrades, aquela família de órfãos seria cristãmente servida. Nós temos tudo. Temos a Mãe — a Santa Madre Igreja; o único berço da Caridade. O Povo das freguesias, calejado e laborioso, em redor da Mãe, a cuidar dos seus irmãos postos em necessidade. Quem mais dá do que ele?! Nós temos tudo em casa e vamos buscar fora o que não presta. Dá pena!

Do livro *Doutrina*, 1.º vol.

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

FESTA EM AVEIRO — Como esta edição do nosso Famoso é lançada antes do nosso espectáculo em Aveiro, não podemos deixar de apelar mais uma vez aos nossos Amigos para que marquem presença a 19 de Setembro, Domingo, pelas 15.00h, no Centro Cultural e de Congressos de Aveiro. Olhem que a sala leva 730 lugares e os bilhetes podem ser comprados com antecedência na bilheteira ou pedidos à nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo ou no próprio dia da nossa Festa-Encontro. Os mais pequenos têm entrada livre. Não fiques em casa e vem aplaudir as nossas representações, com as outras Casas do Gaiato de Paço de Sousa, de Setúbal e do Calvário.

PRÉ-ESCOLAR — Os 4 mais pequenos recomeçaram as suas actividades, num Infantário, na Vila, a 1 de Setembro. São eles: Aliu, Malam, Victório e Divino. O Rocha entrou no 1.º ano; mas, teve de ir para o Centro Educativo.

CAPELA — Temos um oratório, onde se reza Missa diariamente. É uma Capela, que bem precisa de arranjos, pois o telhado mete água e o soalho está estragado, entre outras necessidades. Foram postos alguns extintores. A senhora D. Nazaré tem a responsabilidade, entre outras, pelo asseio da nossa Capela. O nosso Pai Américo comprou o terreno, a nascente do Cruzeiro, por 10 contos e a Capela foi construída por 40 contos, em 1943, conforme deixou escrito no Correio de Coimbra, da época. Uma imagem de Santo António levou sumiço, a 30 de Julho.

FERNANDO DIAS — Nesta Casa também foi muito sentida a partida para o Pai Celeste do Sr. Fernando da Rocha Dias, antigo Gaiato, que trabalhava no escritório da Casa do Gaiato de Paço de Sousa; e que esteve também na Casa do Gaiato de Malanje, como pioneiro. Cumpriu serviço militar na Índia, onde esteve preso. Ainda nos encontrámos com este grande

Amigo no Hospital Padre Américo, em Penafiel, em Julho. A celebração Eucarística, na Capela de Paço de Sousa, concelebrada por vários Padres da nossa Obra, foi um momento de muita dor e esperança. À sua família, um grande abraço de muita amizade, coragem e a certeza da nossa oração. Que descanse em paz!

AGRO-PECUÁRIA — Os incêndios, infelizmente, também chegaram a esta região e o calor ainda se tem feito sentir. Concluiu-se a limpeza das infestantes na encosta virada para a rotunda Padre Américo. Os campos dos citrinos também foram limpos de ervas daninhas. Os talhões de couves serrana e penca estão uma beleza. Nós gostamos de caldo verde. Os feijões de trepar cresceram bem e já comemos vagens. Arrancaram-se algumas cebolas, no pomar. É preciso comprar mais animais para criar: leitões, galinhas e frangos. Começou-se a cortar, outra vez, as relvas dos jardins e as sebes. □



Um belo recanto da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

As candeias

AS candeias acesas exercem aos olhos atentos uma atracção irresistível. Na verdade, esta luminária tem atravessado os tempos e, pela sua simplicidade e utilidade, permanece como um sinal reconhecido da presença de *Deus escondido*, no meio do Seu Povo.

O contraste da luz de uma candeia, na noite, é naturalmente bem maior. Todos somos “filhos da luz e filhos do dia”, notou S. Paulo (1 Tes 5,5).

Quem vive e lida com gente nova, há um recorte de correcção

inevitável, a cada passo: desligar interruptores... Mesmo de dia e Sol alto. Às vezes, alguns adolescentes nossos têm sido admoestados por esse desleixo, que faz disparar a factura. Foi mostrada, há dias, a um Rapaz, para que eles tomem consciência do custo de vida. Para não falar das tomadas ocupadas, de vez em quando, com ruídos repetitivos. Os moços mais espigados requerem travão sistemático, neste âmbito; e um guindaste forte para os arrancar até ao refeitório, pela manhã. Os miúdos da casa mãe e os médios,

desta Família, esticam menos a corda e têm mais destreza, para os actos comunitários.

Tem havido um crescendo nas energias renováveis, como a energia eólica. Quando o astro da manhã se levanta, vemos no cume da serra da Lousã a corrente de hélices a girar conforme a velocidade dos ventos.

Com a marcha do progresso tecnológico, parece que já não somos capazes de viver sem energia eléctrica. Acontece que o espectro de carências básicas não assusta os poderosos e os negligentes. Todavia, há que incutir, desde a infância, hábitos de poupança e uma aprendizagem séria sobre o usufruto dos bens essenciais a toda a humanidade. Veja-se que cerca de três mil milhões de pessoas, metade da população mundial, não têm água potável para beber.

Uma candeia, mercada num latoeiro, no sopé do morro da Matriz da Vila, tem cumprido fielmente entre nós a sua missão, discreta e concreta.

Enquanto as outras iluminações domésticas se vão apagando, a sua luz bruxuleante não se deve extinguir. Não há luz que se compare à de uma simples candeia, assinalando o Cibório vivo! No corupção do dia e quando as trevas cobrem a Terra, as candeias estão sempre vigilantes e interpellantes.

Uma tentação de alguns garotos vai para os fósforos, que nunca podem estar à mão de semear.

Este Verão foi angustiante devido aos muitos incêndios ocorridos, que empobreceram, entre outros, o nosso País e causaram vítimas.

O pequeno Divino viu, connosco, numa manhã de Agosto, que



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

ESTOU cheio, de acontecimentos e de casos, que nem atino por onde começar!

Os electrodomésticos trouxeram grande alegria às famílias que os receberam e a mim que os distribuí, mas também uma enorme confusão.

Constou, na cidade, que o padre estava a dar e foi uma correria de gente, dias e dias seguidos. Junta-se a pobreza com a ganância e, aqui em casa, é impossível distingui-las. Até mesmo em casa deles é necessário muito cuidado e algum atrevimento.

Eu não posso. Não tenho tempo nem capacidade. Preciso de gente audaz, armada de Fé e Amor.

Claro, que aqui em casa, só damos comida. Outros valores, só após conhecer a precisão individual de cada família. Depois sim. Antes não. Nunca.

Jamais dei esmola, na rua, a ninguém, muito menos em casa. O conto do vigário pode sempre actualizar-se e os bens que distribuímos brotam de corações puros, pobres e sacrificados. Entre os que me assediam, há gente de coração pobre que se dói dos outros, mas há também muitos miseráveis com uma ambição desmedida e espírito de rico.

Não foi fácil, dizer que não. Perante ameaças, tive que ser forte e não ir em choradinhos! Uma tarefa de imenso gosto espiritual mas extenuante.

Precisamos de um grupo de homens e mulheres capazes, de fazerem o que eu faço e, depois, individualmente, sossegada e discretamente irmos ao encontro de tão extrema e alargada miséria.

Uma senhora idosa, vestida de preto da cabeça aos pés, ameaçava-me: -qualquer dia vai daqui corrido à pedrada pois dá a uns e não dá a outros. Daqui, queria ela dizer: do bairro que eu calcorreava, subindo e descendo as nojentas e semi-destruídas escadas.

Mas deixemos de meter medo a ninguém. Eu não tenho medo. Os rapazes e as senhoras não se

cansam de me recomendar: — não vá sozinho. Mas eu vou. Algo me chama. É uma força inefável, sinto a sua origem e, por isso, não tenho medo nenhum.

Redimi e paguei várias rendas, nesta quinzena, luz e água.

Já aqui falei, mas dói-me sempre.

Mas você tem a água cortada. — Diz o funcionário ao balcão a que a senhora se abeirou.

— Não tenho não senhor!

— Mas aqui está — e olhava para o ecrã do computador — que a água foi cortada.

— Mas não foi!

— Como é possível?

— É que a minha vizinha quando vê os homens que cortam a água fecha-lhes o portão de ferro, e eles não entram. Sim, toda a gente recua. A miséria tem muita força!...

Depois é o preço da água e as despesas do tribunal, as chamadas injunções!

Quantas eu tenho pago?! E com que repugnância!?

A senhora está grávida e seu companheiro trabalha no alcatrão mas, agora, tudo está parado.

São 1403,01 euros, diz-me, timidamente, o funcionário fixando-me nos olhos. — Sim, eu passo o cheque.

A senhora limpou o suor e suspirou de alívio, quando viu nas suas mãos, o recibo de toda a água, inclusive do mês de Agosto.

Mostro sempre o que sou: um enviado de Deus que socorre o pobre!

Paguei três multas a um jovem, pai de três filhos. Coimas pesadas que as transgressões eram graves: falta de seguro, de revisão do veículo e mais não sei quê... Tudo somado 1650 euros. Uma fortuna!...

Agora, tenho ainda de pôr o carro em ordem, manda-lo inspeccionar e pagar o seguro. A viatura é o instrumento base do seu ganha-pão. A família vive do negócio. Desde Fevereiro de

2009 que o transporte está parado e a carta apreendida!...

Mas, quem há-de resolver estas situações, com gente tão pobre, numa organização social dita moderna, se não for a Misericórdia de Deus? — Quem?

As multas foram bem aplicadas. Ninguém duvida. Agora, o resto!?

Que dores; que aflições os pobres não passam?! Quase dois anos, sem ganha-pão, a viver na casa da mãe, em promiscuidade aterradora!

Termino sempre, a resolução destes problemas com uma forte e firme ameaça: Olhe que nunca mais. Não conte mais comigo. Agora vou até ao fim, mas nunca mais me apareça com outras complicações...

Com lágrimas, como é normal, veio outra rejeitada do marido, o qual se juntou com uma brasileira; pedir socorro para a renda da casa. Tem consigo uma sobrinha deficiente, também abandonada. Com baixa, a ir trabalhar daqui a quinze dias, tem três meses, de renda de casa atrasados. É um consolo sentar-me numa casa limpa e bem arrumada e confortar a senhora e a sobrinha!

A gente fecha a porta e esquece o bairro onde estamos.

— O senhor padre não tem medo de andar por aqui? — Perguntou-me com certa acuidade.

— Não. Respondi-lhe por ser verdade e para a sossegar.

— Eu também não. — Disse-me.

Lá a confortei para vencer esta fase da vida, convidando-a a ir à igreja mais próxima e a levar a menina. Sim. Deus é fonte de toda a consolação e de toda a luz... Sempre!... Mais ainda, nas horas de aflição!...

Deixei um cheque, passado ao senhorio, no valor de 750 euros.

A direcção do Património dos Pobres:

Casa do Gaiato de Setúbal
Algerúz
2910-281 Setúbal. □

o pavio da lamparina estava a enfraquecer. Cuidar dele é um sinal da Luz que brilha em toda a pessoa humana. Quanto mais caída e débil, mais aquela Luz nos compromete e intromete no Seu Mistério.

Temos gravado o zelo de uma senhora que cuidou de Pobres, longos anos, e iluminava um belo tabernáculo de granito. S. João Crisóstomo exortou-nos: “*enquanto adornas o templo, não esqueças o teu irmão que sofre.*” Se entrarmos no nosso coração, sempre que possível, aproximamo-nos da Luz que brilha sem cessar e quer iluminar os nossos passos.

A luzinha das candeias, no silêncio, diz-nos o que é essencial na vida, quando não vislumbramos para onde vamos. *A quem iremos, Senhor?...* □

FESTA-ENCONTRO GAIATOS DO PADRE AMÉRICO EM AVEIRO

**CENTRO CULTURAL E DE CONGRESSOS
GRANDE AUDITÓRIO**

19 DE SETEMBRO DE 2010 – DOMINGO – 15.00H

CONTACTOS:

Bilheteira, em Aveiro: Telef.: 234 406 300;

Horário: Segunda-feira a Sábado: 08.30h-22.30h.

Bilhetes disponíveis também no dia do espectáculo.

Preçário: até 6 anos: entrada livre; 6 a 12 anos: 2,50€; maiores de 12 anos: 5€.

Casa do Gaiato de Miranda do Corvo: Telef. 239 532 125,
Fax 239 532 099, e-mail: gaiatomiranda@sapo.pt

MALANJE

Padre Rafael



APARECEU muito cedo para levar o Gabi, dizia ser a sua mãe. Adão chamou-me e disse-me que a senhora mandou chamar o pequeno para levá-lo. Não demorei em mandá-la vir para que se explicasse. Nesse momento, começou uma ida e vinda de chamadas para Luanda, para confirmar se era, em verdade, sua mãe. Não demorou muito a termos a certeza de que era verdadeiramente a mãe do Gabi.

A senhora começou a contar-nos toda a história, desde a sua saída da República Democrática do Congo ao falecimento do seu primeiro marido. Os espancamentos impressionantes que o segundo marido lhe dava e a dolorosa decisão de deixar as suas três filhas e o pequeno Gabi sob a tutela de uma Irmãs.

Tudo isto coincidiu com o dia em que Padre Telmo partia para Luanda, para iniciar as suas férias em Portugal. Por isso, aproveitámos para os levar até à Capital e esclarecer a situação com as Irmãs que eram contrárias à saída do rapaz da nossa Casa do Gaiato.

Como é hábito, parámos para jantar com o «Catete», que sempre nos recebe como um filho. Connosco seguia também um Catequista, Kinito, que ia comprar medicamentos para o seu filho que sofre de elefantíase. Chegámos a Luanda cerca das dez da noite e deixámos o Gabi e a sua mãe com as Irmãs, ficando combinado encontrarmo-nos no dia seguinte. De seguida, dirigimo-nos ao Lar para que Padre Telmo se pudesse despedir dos estudantes de Luanda.

Às cinco da manhã, já estávamos no aeroporto para embarcar o Padre Telmo. Seguem-se os conselhos: primeiro que trate da sua saúde, depois que visite a sua família e descanse e, finalmente, que trate de algumas encomendas que leva consigo. Nós ficamos aqui à espera do seu regresso a Casa, quando as suas férias terminarem.

Durante a tarde fomos a casa das Irmãs saber da situação do Gabi, se regressava à nossa Casa do Gaiato ou ficava com a sua mãe. As Irmãs mostraram-nos um documento em que a mãe renunciava à custódia dos seus filhos, mas não havia nenhum documento do Governo que dissesse que a Casa do Gaiato era o lugar onde o Gabi devia ficar. Por isso, o pequeno teve de ficar em Luanda pela incerteza se voltará para a sua mãe ou se ficará com as Irmãs.

Neste ponto, não perguntamos onde o pequeno estaria melhor, mas, sim, onde seria menos mau para ele. Só espero que, se as coisas não correrem bem com o Gabi, com a sua mãe, ou com as Irmãs, um anjo o traga de regresso à única Casa que lhe abriu as portas, quando ninguém o queria ou podia assumir.

Luanda, Luanda, Luanda já foi declarada a cidade mais cara do mundo e eu fecho os olhos para me dizer: bem caro lhe está a sair ser a mais cara do mundo. Em alguns jornais diz-se que Luanda está a melhorar. Acho que é por ser vista do alto dos edifícios milionários e não desde as ruas cheias de sujeira e de uma juventude que já não sabe para onde ir. □

ANO EUROPEU DAS ACTIVIDADES DE VOLUNTARIADO

Padre João

Continuação da página 1

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II, sobre a Igreja no Mundo Actual torna-se um instrumento precioso e de recta apreciação. Vale a pena tê-la na mente e no coração. Ela rasga caminhos de diálogo, de abertura e colaboração mútua: «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração».

Trata-se de um texto de importância fulcral para a consolidação e desenvolvimento das actividades de voluntariado num mundo global e que é tarefa de todos.

Esperamos que uma iniciativa desta envergadura credibilize projectos e desfaça uma certa mentalidade de desconfiança e cepticismo que por vezes se instala acerca da viabilidade e resultados destes eventos. Que tal evento aproxime mais os povos e nos conduza à Caridade de Cristo que a todos abraça. □



O Fernando Dias

EM escritos de Pai Américo, que eu diria particularmente constitucionais, sintetizados no número 93 das nossas *Normas de Vida*, ele afirma que «a tendência da Obra é que sejam os Rapazes os seus próprios continuadores».

Na verdade, pioneiro que foi de uma Igreja menos clerical em que o leigo, participante pelo Baptismo no Sacerdócio de Cristo, assuma o seu papel activo nessa participação até ao extremo da sua condição laical — foi nesta linha que concebeu e desejou a Obra que a inspiração de Deus lhe fez criar. O mais de meio século passado sobre esse momento evidencia a proximidade de Pai Américo das circunstâncias que a Providência Divina tem permitido — e que são parte, seguramente, do Seu plano. Esta visão distingue, imediatamente, a Obra da Rua de quanto se pensa e faça no campo das acções socio-caritativas. É lógico que a mente profana da política e das técnicas a não entenda e a conteste... a nível de teoria pedagógica. Mas não é este o nível em

que seria certo e bom que a Igreja reparasse na actualidade desta visão e a seguisse como a um pequeno dado já em jogo na sua acção pastoral.

E porque a «tendência» é a que se diz acima — continua o número 93: «escolha-se entre os Rapazes os mais avisados e dê-se-lhes preparação. Os “padres da rua” não devem ter funções administrativas. É melhor que os trabalhos agrícolas, as indústrias e mais actividades sejam dirigidas por Rapazes idóneos que devem prestar contas e dar todos os esclarecimentos a quem os escolheu». A ambição de Pai Américo não se cingia ao desempenho de uma função. Na medida da grandeza de alma do escolhido, e porque filho, não estranho, ele esperava-o no limiar de uma missão a assumir. Metas de largos horizontes, árduas! Por isso Pai Américo qualificava tais Rapazes de «Raros», porque ser «pilar», ser «esteio», como também lhes chamava, exigia generosidade, coragem e muita, muita confiança — virtudes pairando já sobre a vulgaridade.

O Fernando foi um destes. Há 56 anos quando cheguei a Paço de Sousa acabado de ordenar, ele estava no Lar do Porto. Era um adolescente e eu um noviço que foi aprendendo com ele e vários outros a arte de ser pai na convivência em fraternidade. Durou dois anos exactos a minha *lua de mel*, a que a morte de Pai Américo pôs termo. Mas a passagem de tempos fáceis, extraordinariamente felizes, às dificuldades desse *agora*, ainda mais fortaleceu a nossa amizade. Então começou para ele o exercício de ser *esteio*. E sem ter havido um acto formal de escolha, a sua vida foi decorrendo em linha de serviço em ordem para servir. Chegou a pensar no Seminário..., mas não era por aí o seu caminho.

Quando em 1962/63 soou na Obra a hora de África, desde logo contámos com ele. Com ele... e com ela, pois entretanto a Emília entrara nas nossas vidas e, com a sua adesão, a preparação para o casamento foi já no contexto da missão em que iriam colaborar. Pensámos e ensaiámos a integração total dos casais que foram começar as duas Casas em Angola. A experiência fez-nos

compreender que as duas famílias, com o seu crescimento natural, precisavam da privacidade de uma casa própria — questão accidental, fácil de resolver, que não afectou a participação dos dois casais na vida das respectivas Casas do Gaiato. Tempos tão felizes! Foi Primavera na Obra!

A independência de Angola e o anúncio da próxima tomada das nossas Casas pelo governo de lá foram a razão do regresso. Fernando retomou o seu lugar em Paço de Sousa, o que cumpriu quase sempre com percalços de saúde, muito complicados nos últimos meses. Há três semanas, ainda com boas expectativas de melhoras, aconteceu a surpresa que a morte sempre é.

O vazio que nos deixa não é de dizer. Mas ele próprio há-de ajudar a preenchê-lo, agora *esteio* para sempre — que o Céu é lugar de descanso, rezamos nós; mas Lá a palavra, à vista do Acto Puro que Deus é, tem com certeza outro significado diferente do que nos é óbvio; e tem, ainda com mais firme certeza, um potencial de eficiência que neste mundo nem o trabalho tem.

Padre Carlos

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

O nosso bar ficou agora totalmente pronto. Havia ainda um cantinho, na parte do salão de jogos, por preencher. Que havíamos de pôr lá? Eis que um jovem Amigo veio trazer e oferecer a solução: uma máquina de jogos electrónicos, vulgarmente chamada de PlayStation. É o divertimento que todos os jovens conhecem e não dispensam. Os nossos rapazes, podendo, não fogem à regra.

Longe vai o tempo, e deixa saudades, das brincadeiras com o arco, o pião, com o carro de rolamentos... Dessas brincadeiras, já só as escondidas se revelam uma vez por outra, após o jantar. Agora, quando as horas do dia são próprias para brincar — tempo livre — é ver os rapazes a dirigirem-se para o bar onde os esperam os ditos jogos virtuais e o bilhar, embora este já como segunda opção.

Os mais velhos, já menos pacientes para estes simulacros que

são o mundo dos jogos modernos, juntam-se à volta de uma mesa para uns jogos de cartas, ou então, comodamente instalados, seguem pela televisão os programas por eles seleccionados que, maioritariamente como não podia deixar de ser, são de jogos de futebol, estes reais.

As sensações de domínio, de vitória ou derrota, que se obtêm na prática de jogos, nos de ontem e nos de hoje, são uma boa ajuda para a afirmação pessoal na vida de cada indivíduo, aqui, dos nossos rapazes. Mais do que um prazer ou passatempo, o jogo para o jovem é um meio de ele se agarrar à vida e de se socializar com os seus pares. Nos mais velhos, mais maduros, o jogo é antes uma forma de passatempo e de convívio.

Mas não só por aqui fazem os nossos o caminho da afirmação da personalidade. Todas as tarefas que no dia-a-dia lhes são atribuídas, nesta que é a sua casa, os ajudam a descobrir-se e a

conhecer-se, e a ganhar as necessárias raízes para um bom equilíbrio com o meio e as pessoas com quem vivem. Fazendo-as «como quem brinca», na expressão de Pai Américo, dá-lhes sentimentos de serem capazes e úteis, sentimentos estes que deixam marcas pelos anos fora.

Dizem-no os Rapazes que por cá passaram quando nos visitam, recuando por vezes muitos anos no tempo. Ontem assim aconteceu com o de então «Pretita». Vendo a sua fotografia quando petiz, exposta numa das paredes da nossa sala de visitas, lembrou, quase religiosamente, as vezes que com suas mãos lavara os pés a Pai Américo, expressando o afecto amoroso do filho para com o pai.

Se nesse tempo era costume esse gesto, hoje está extinto. Continua no entanto a ser necessário, cimentar a vida com gestos significativos, ainda que inconscientes, do amor que firma a vida e a torna feliz. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

nos nossos corações. Não fiquéis insensíveis.

O Infantário e a creche, herdeiros das primitivas instalações da Casa do Gaiato, continuam a ser uma fonte de alegria. As crianças mais Pobres que nos batem à porta, com alguém de família, encontram, ali, o ninho acolhedor que as faz crescer como filhos e filhas com dignidade. As Irmãs Cooperadoras Paroquiais dão as suas vidas por estas crianças. Há dias, veio a Irmã Isolina para fazer comunidade com as duas Irmãs residentes. Riqueza

humana e espiritual para estes filhos e filhas! Quem nos dera espaço e pessoas dedicadas para alargar esta acção humana e social, com reflexos determinantes no futuro da nação. Bem-vinda, Irmã Isolina!

A escola está, neste momento, em pausa pedagógica de duas semanas. Faz parte do ritmo escolar, no fim de cada trimestre. Temos oportunidade para fazer uma avaliação deste serviço tão essencial para a vida destes filhos. Damos conta do muito que temos que fazer para alcançar resultados muito mais positivos. Esperamos. □

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

A I que eu não tenho nem a Fé nem aquele dom interior, feito sabedoria que emanava de Pai Américo. Ao realizar neste espaço moçambicano, que por caminhos indecifráveis da mente e da política, veio ter às nossas mãos, Pai Américo diria como disse de outra Casa: «Estava de quedo à nossa espera». Nunca foi tão propositada esta sua palavra. Gosto muito de subir à nossa serra, de apreciar a Aldeia e as construções, ao longe, vistas de mais alto, como gosto, quando venho de fora, de a ver na encosta. Quem pensaria que um dia alguém viria mexer nas pedras, rasgar a rocha para fincar nela os alicerces de uma Aldeia para rapazes abandonados! E tão linda que não poucas vezes chegam forasteiros a perguntar se não é um “lodge”. E tão sofrido fico quando ouvem a explicação, que se retiram desinteressados do que aqui dentro se passa. Vê-se que subiram aqui, apenas o procurar para si mesmos, o que não querem para os outros. Quem quer pensar neles? Uma agência turística, recém lançada, já pediu para a incluir nos seus roteiros. Embora esteja em voga por esse mundo fora o que se chama turismo religioso, faz-me lembrar paredes sem vida, onde ela foi tão palpante! E aqui? Os rapazes crescem sem darmos conta, apesar de todos os dias nos vermos. E em cada um há um mundo de problemas, por vezes tão intrincados que demoram a deslindar. Alguns crescem tanto que parecem desajeitados na sua altura. Por estes dias o nosso Américo que veio com poucos dias e hoje, com catorze anos, está tão alto que foi preciso mudá-lo para uma turma da Escola da Massaca, onde os colegas são maiores. Aqui é quase um gigante no meio da turma. Internado no Hospital por duas vezes em risco de vida, levado a Portugal à procura de um equilíbrio psicológico, perdeu escolaridade nestas andanças e na puberdade distanciou-se tanto dos seus colegas que é segregado pelos professores e não está maduro para suportar as diferenças, nem eles para o enquadrar na suas mentes.

A par dos problemas dos Rapazes são os dos que aqui trabalham.. Hei-de trazer para esta crónica os quantos já estão formados na uni-versidade, os quantos estão a caminho do fim, os quantos dos nossos rapazes idem e os que estão bem empregados.

Estamos porém no sufoco da seca. A bomba que há anos comprámos para suplementar o abastecimento da conduta de água e esta não faltar ao Povo, que já dizia estarmos a roubar-lha, avariou, com o feijão em plena floração. Daí para cá só conseguimos uma rega completa. O feijão estiola a olhos vistos. Demos quatro mil euros, pelo conserto que não deu certo. Da nova conduta já pagámos mais de cinco mil, a metade, pelo projecto executivo que ainda não foi iniciado. Temos autorização da tomada no rio a quase cinco km de distância. Entretanto era altura de encomendar as sementes, mas não vamos arriscar. Será uma ano de penúria para as nossas necessidades internas. Quando teremos água, meu Deus! Os pastos estão secos. Nascem vitelos e as mães não têm leite. Já morreram dois burrinhos pelo mesmo motivo. Andamos, à pressa a fazer comedouros apropriados para que o gado não estrague o pasto que todos os dias o tractor leva aos currais. E tanto que há a fazer nos currais e tanto que há ainda a fazer nas oficinas para as tornar enfim uma verdadeira Escola de Artes e Ofícios, como o Pai Américo viu na Beira e continua fazendo falta neste país de ilusões. □

PENSAMENTO

*Não é mercadoria a criança,
nem tratá-la é negócio.
Quanto mais pobre e abandonada,
maior valor ela tem.*

*Esta classe social, com que
eu lido, meu Senhor, não é
fraca: é enfraquecida.*

PAI AMÉRICO

**Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Agosto,
48.200 exemplares**